

LENDA SIMBÓLICA

Uma história da vida, em moldura
de lenda,
O estudo sobre a fé aqui se
recomenda.

Dizem que num relvado uma lagarta
nobre
Jamais acreditava em outra vida.
Afirmava que o nada tudo encobre,
Que a morte tudo leva de vencida.

Por isso, certa feita,
Intérprete fiel da palavra escorreita,
Foi instada a falar em sentido
direto
À grande multidão de lagartas
reunidas,
Sobre a força da morte,
A rainha das forças desmedidas,
Com que as prende aos casulos,
Semelhantes a esquifes
Ou a cárceres nulos
Nos quais se lhes transvia a mente
em abandono...

O que seria a morte? Um simples
sono,
A cinza, o esquecimento, o fim
de tudo?

Após ouvir-lhes as indagações,
A lagarta oradora,
Fazendo os gestos de quem
se servia

Do mais formoso dos sermões,
Falou em alta voz, com ardente
euforia:

- Companheiras irmãs!
Não cultiveis idéias vãs,
A morte é pó e cinza, treva e nada,
Não existe outra vida...
Embora quando a fé mais pura nos
convida
A meditar em Deus,
A razão permanece ao lado dos
ateus.
Tenho buscado, a fundo,
Tudo quanto se fala em morte sobre
o mundo
E a verdade, em que tudo se
descerra,
Diz que a morte aniquila
Tudo o que vive sobre a Terra...
A vida toda, em si, é uma trama
nefastas;
Uma lagarta surge,
Luta, sofre e se arrasta,
E encontra, mais além, a sombra
e a terra fria...
A morte nos destrói, dia por dia,
Não guardeis ilusões, nem retenhais
quimeras...

Isto foi sempre assim, desde o berço
das eras.
Lagartas! Somos lagartas
simplesmente
Que a morte destruirá, chegando
irreverente...
Outra vida não há! A fé sempre
resulta
Em cinzas da mentira que se oculta,
A vida é apenas hoje, nada mais...
Ai de nós!... ai de nós!...
E a culta expositora repetia
Erguendo, sempre mais, o tom
de voz:
- Somos simples mortais!...

Nisso, ela desmaiou diante da
assembléia,
Fenecera-lhe a voz, finara-se-lhe
a idéia,
E a lagarta imponente
Transformou-se, de todo, quase
que de repente
Num casulo pendente
Da folha em que falava...
Toda a comunidade boquiaberta
Seguia aquela morte inesperada,

De ânimo firme e atento,
Esperando que a noite, a chuva e
o vento
Fizessem do casulo
Um dedal de poeira, cinza e nada.

Mas, depois de alguns dias
De discussões e fantasias,
Do casulo esquisito e ressecado
Surgiu um novo ser, maravilhoso
e alado.

A lagarta oradora
Passara por ação renovadora;
Era agora uma grande borboleta
De asas amplas, em linda cor violeta,
A voar sobre as flores nas ramadas...

A ex-lagarta,
Culta e materialista,
Sem querer, transformara-se...
E foi vista
Pelas amigas deslumbradas

Na condição de um ser de expressão
bela e fina...
Parecia uma leve bailarina
Dançando ao céu azul, sob luzes
douradas.

MARIA DOLORES